

Linguagem denotativa e conotativa

Funções da linguagem

Texto literário e não literário

Texto 1

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social.

O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mensuráveis pelos mesmos padrões das verdades fatuais. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida, o qual sugere antes que esgota o quadro.

A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

(Afrânio Coutinho)

Texto 2

A. J., 25 anos, solteiro, balconista, morador à Rua G., n. 110, bairro dos Ipês, na periferia de São Paulo, foi morto com um tiro de revólver por um desconhecido, que fugiu sem deixar pistas. O crime aconteceu na Praça da Sé, esquina com a Rua Direita, durante a madrugada de ontem. A vítima ainda foi socorrida pelos elementos de uma viatura policial que fazia a ronda e levada a um Pronto-Socorro, onde veio a falecer. O homicídio foi comunicado ao delegado Romão, no 2º Distrito Policial, que solicitou a ajuda da equipe da Delegacia de Homicídios do DEIC, que já iniciou as diligências com o objetivo de prender o assassino. A autoridade solicitou também um carro de cadáver para a remoção do corpo ao Instituto Médico Legal.

(Folha da Tarde, 20 dez. De 1986)

Texto 3

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(Manuel Bandeira)

Texto 4

PRECISA-SE

Vendedores(as) para venda de cursos maiores de 21 anos, com ou sem experiência, que tenha facilidade em se relacionar com as pessoas, tenha boa dicção, dinâmica, extrovertida, e que tenha informática.

Os interessados poderão enviar seus currículos para o e-mail:

Texto 5

Anúncios classificados

Vendedoras. Ótima aparência, excelente salário. Rua tal, no tal. Recusada.

Boutique cidade precisa moça boa aparência entre 25 e 30 anos. Marcar entrevista tel. no tal. Recusada.

Moças bonitas e educadas para trabalhar como recepcionistas. Garantimos ganhos acima de um milhão. Procurar D. Fulana das 12,00 às 20,00 horas, na rua tal, no tal. Recusada.

Senhor solitário com pequeno defeito físico procura moça de 30 anos para lhe fazer companhia. Não precisa ser bonita. Endereço tal.

Desta vez ela não disfarçou a corcunda nem pôs óculos escuros para esconder o estrabismo. Contratada.

(Helena Parente Cunha)

Texto 6

Procura da poesia (fragmento)

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

Estão paralisados, mas não há desespero, há clama e frescura na superfície intata.

Ei-lo sós e mudos, em estado de dicionário,

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. (...)

Não adules o poema. Aceita-o

Como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra

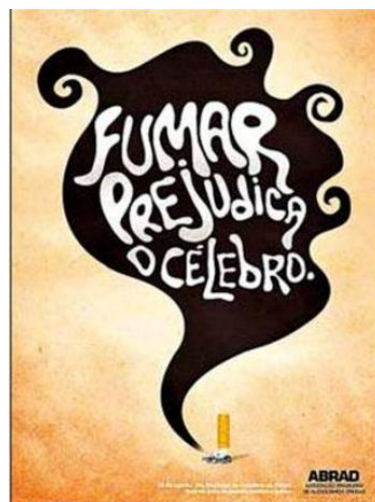
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

Texto 7



Texto 8



Texto 9



(René Magritte)

Texto 10

Alô alô

Irma, mulher profundamente religiosa, apaixonou-se por seu companheiro de trabalho Teófilo, que é ateu. Sabendo que não poderá jamais casar com um homem de quem está separada pelas barreiras da fé, decide afastar-se dele, sem revelar seus sentimentos. Pede demissão do emprego, muda-se para um bairro distante e entrega-se a uma existência ascética.

Sucedem-se os jejuns e as penitências.

Seu amor, porém, não morre, e Irma é atormentada por saudades. Todas as noites liga para Teófilo.

-- Pronto! -- é ele.

Irma calada.

-- Alô! Pronto!

Ouvindo a voz querida, Irma estremece de dor e de gozo.

-- Alô! Quem é que está falando? Responde!

Irma tapa o bocal com a mão e beija silenciosamente os nós dos dedos.

-- Fala, animal! Te identifica!

Irma contém um soluço, enquanto o telefone despeja palavrões. Finalmente, ela desliga.

Todas as noites é a mesma coisa. Teófilo está furioso. Já não come nem dorme, tamanha é sua raiva. E não sabe o que fazer.

A conselho de amigos solicita o auxílio da polícia. As investigações revelam que as chamadas partem do telefone de Irma. Teófilo é avisado para prevenir a delegacia tão logo receba o telefonema misterioso.

É o que faz.

Os policiais invadem o apartamento de Irma e a surpreendem, no meio da ligação, a beijar o dorso da mão magra. Alucinada, atira-se pela janela. Felizmente o edifício é baixo e ela sofre apenas escoriações. Depois de medicada é levada à delegacia.

Teófilo é chamado.

Ao ver Irma entre os policiais, grande é o seu espanto. E para surpresa de todos:

-- Mas eu te amava, Irma! -- grita. -- Eu te amava!

-- Vade retro, Satanás! -- responde ela chorando.

Os jornalistas presentes compreendem sua dor.

(Moacyr Scliar)

Exercícios

1. Texto I

Chão de esmeralda

Me sinto pisando
Um chão de esmeraldas
Quando levo meu coração
À Mangueira
Sob uma chuva de rosas
Meu sangue jorra das veias
E tinge um tapete
Pra ela sambar
É a realeza dos bambas
Que quer se mostrar
Soberba, garbosa
Minha escola é um catavento a girar
É verde, é rosa
Oh, abre alas pra Mangueira passar

BUARQUE, C.; CARVALHO, H. B. Chico Buarque de Mangueira. Marola Edições Musicais Ltda. BMG. 1997. Disponível em: www.chicobuarque.com.br. Acesso em: 30 abr. 2010.

Texto II

Quando a escola de samba entra na Marquês de Sapucaí, a plateia delira, o coração dos componentes bate mais forte e o que vale é a emoção. Mas, para que esse verdadeiro espetáculo entre em cena, por trás da cortina de fumaça dos fogos de artifício, existe um verdadeiro batalhão de alegria: são costureiras, aderecistas, diretores de ala e de harmonia, pesquisador de enredo e uma infinidade de profissionais que garantem que tudo esteja perfeito na hora do desfile. AMORIM, M.; MACEDO, G. O espetáculo dos bastidores. Revista de Carnaval 2010: Mangueira. Rio de Janeiro: Estação Primeira de Mangueira, 2010.

Ambos os textos exaltam o brilho, a beleza, a tradição e o compromisso dos dirigentes e de todos os componentes com a escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Uma das diferenças que se estabelece entre os textos é que

- o artigo jornalístico cumpre a função de transmitir emoções e sensações, mais do que a letra de música.
- a letra de música privilegia a função social de comunicar a seu público a crítica em relação ao samba e aos sambistas.
- a linguagem poética, no Texto I, valoriza imagens metafóricas e a própria escola, enquanto a linguagem, no Texto II, cumpre a função de informar e envolver o leitor.
- ao associar esmeraldas e rosas às cores da escola, o Texto I acende a rivalidade entre escolas de samba, enquanto o Texto II é neutro.
- o Texto I sugere a riqueza material da Mangueira, enquanto o Texto II destaca o trabalho na escola de samba.

2. Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

[...]

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

BANDEIRA, M. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

Predomina no texto a função da linguagem

- a) fática, porque o autor procura testar o canal de comunicação.
- b) metalinguística, porque há explicação do significado das expressões.
- c) conativa, uma vez que o leitor é provocado a participar de uma ação.
- d) referencial, já que são apresentadas informações sobre acontecimentos e fatos reais.
- e) poética, pois chama-se a atenção para a elaboração especial e artística da estrutura do texto.

3. É água que não acaba mais

Dados preliminares divulgados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apontaram o Aquífero Alter do Chão como o maior depósito de água potável do planeta. Com volume estimado em 86 000 quilômetros cúbicos de água doce, a reserva subterrânea está localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá. “Essa quantidade de água seria suficiente para abastecer a população mundial durante 500 anos”, diz Milton Matta, geólogo da UFPA. Em termos comparativos, Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água do Aquífero Guarani (com 45 000 quilômetros cúbicos). Até então, Guarani era a maior reserva subterrânea do mundo, distribuída por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

Época. Nº 623, 26 abr. 2010.

Essa notícia, publicada em uma revista de grande circulação, apresenta resultados de uma pesquisa científica realizada por uma universidade brasileira. Nessa situação específica de comunicação, a função referencial da linguagem predomina, porque o autor do texto prioriza

- a) as suas opiniões, baseadas em fatos.
- b) os aspectos objetivos e precisos.
- c) os elementos de persuasão do leitor.
- d) os elementos estéticos na construção do texto.
- e) os aspectos subjetivos da mencionada pesquisa.

4. O exercício da crônica

Escrever crônica é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de uma máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um assunto qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, restar-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

(MORAES, V. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Cia das Letras, 1991).

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui

- a) nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.
- b) nos elementos que servem de inspiração ao cronista.
- c) nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.
- d) no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.
- e) nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

Gabarito

1. C
2. E
3. B
4. E